

A DIÉGESIS PLATÔNICA

Nelson de Aguiar Menezes Neto
Doutorando em Filosofia – PPGF/UFRJ
Bolsista CAPES

Resumo: O presente trabalho consiste num esforço de compreensão da *diégesis* platônica. Com efeito, o sentido amplo deste termo, presente na *República*, permite situar Platão no exercício do papel de diegeta, experimentando diferentes modalidades miméticas de narrativa. Nesse sentido, a análise das molduras literárias nas obras platônicas evidencia o processo de composição de uma forma discursiva singular na literatura grega: a "*diégesis* mimética".

Diógenes Laércio registra uma das classificações mais antigas das obras platônicas segundo uma perspectiva literária. Detendo-se longamente no tratamento aos diálogos, afirma que eles se distinguem, sob o que chama de "ponto de vista cênico", segundo três categorias: "dramáticos", "narrativos" ou "mistos".

Esse registro é importante por indicar, na Antiguidade, a existência de uma classificação (*tèn diaphoràn tòn dialógon prosonómasan*) que se apoia no "ponto de vista formal" (*tragikôs*), em contraposição ao "ponto de vista filosófico" (*philosóphos*). Com efeito, sendo interpretados desde sua concepção como "textos filosóficos", os diálogos platônicos são obras que conjugam à arte de escrever as múltiplas preocupações que um escritor tem com relação ao estilo e à forma. Nesse sentido, o testemunho de Diógenes Laércio permite-nos supor, já na Antiguidade, a existência de uma aproximação às obras platônicas segundo critérios literários:

"não se ignora que os autores distinguem e classificam diferentemente os diálogos, pois alguns diálogos eles chamam de

dramáticos (*légousi gàr autôn toùs mèn dramatikoús*), outros de narrativos (*diegematikoús*), e outros ainda de uma mistura dos dois (*meiktoús*), porém essa distinção baseia-se mais no ponto de vista cênico que no filosófico.”¹

Assim, teríamos três categorias formais bem delimitadas de diálogos platônicos. Os dramáticos seriam aqueles apresentados em *estilo direto*, sem o recurso de mediações narrativas que introduzem a conversação entre os personagens. Os diálogos narrativos, por sua vez, seriam aqueles cuja discussão central seria mediada por um narrador, em estilo indireto. E os diálogos mistos mesclariam os aspectos dramáticos e narrativos.

Os comentadores de Platão não se furtaram a propor razões para essa “variedade formal”. Especialmente tendo em vista o problema de sua cronologia, alguns estudiosos levaram em conta o critério de um *desenvolvimento* ou *evolução literária*, segundo o qual os diálogos poderiam ser organizados de acordo com uma ordem que refletiria o “progresso” literário do autor.

Assim, os primeiros diálogos teriam um caráter “dramático-teatral”, ao passo que os diálogos mais maduros teriam adotado um estilo mais narrativo e menos dialogado. As obras tardias se distinguiriam por apresentar uma “exposição didática” de ideias e teorias filosóficas, refletindo os interesses especulativos da Academia. Toda essa visão estaria associada, em última instância, à noção de que os primeiros diálogos seriam mais “socráticos”, enquanto os mais maduros refletiriam o pensamento propriamente “platônico”.

A remissão, aqui, a essa polêmica faz sentido apenas na medida em que ela pressupõe uma discussão com base em critérios literários. Pondo à parte a questão da cronologia, é possível notar que as explicações propostas assumem, de modo geral, as mesmas categorias daquela classificação tradicional, apresentada por Diógenes Laércio. Como ponto de partida dessa classificação, encontra-se, porém, uma

¹D.L. **Vidas** III, 50.

contraposição entre *mímesis* e *diégesis*, derivada, sobretudo, de uma aplicação da própria tipologia da *léxis* enunciada no Livro III da *República*.²

A distinção bem marcada entre *diégesis* e *mímesis*, tanto em Platão quanto em Aristóteles, foi suficiente para uma classificação prática dos gêneros, segundo a qual os diálogos platônicos também foram caracterizados. Parece-nos, porém, que a discussão sobre *aléxis* na *República*, da qual derivou essa distinção, não pode ser desvinculada do contexto interno da obra - o contexto da discussão sobre a *paideia* dos guardiães. Isso significa que a análise feita por Sócrates nesse diálogo é insuficiente para ser projetada sobre a complexidade literária do diálogo platônico, constituído por uma variedade de procedimentos, estratégias e recursos estilísticos que transcendem os limites da tipologia apresentada naquele texto. Nesse sentido, concordamos com Laborderie, ao ressaltar essa insuficiência: "En réalité, il semble bien que cette division élémentaire ne suffise pas à rendre compte de la diversité des procédés de présentation utilisés par Platon."³

Os diálogos platônicos não se constituem a partir de uma simples oposição entre "dramático" e "narrativo". Em que categoria, enquadraríamos, por exemplo, o *Lísis*? Ainda que se reconheça o caráter dramático dessa obra, os comentadores em geral a incluem no número dos diálogos narrativos, em detrimento de todas as características dramáticas, o que nos parece resultar numa classificação imprecisa. Poderíamos dizer o mesmo da *República*. E quanto ao *Menexeno*, que embora aberto e concluído dramaticamente, é constituído basicamente pela inserção de uma "oração fúnebre", mimetizada por Sócrates, que por sua vez a teria ouvido de Aspásia? O que dizer, então, do vertiginoso efeito de "múltiplas narrativas encaixadas", presente no *Parmênides*?

Nossa proposta, aqui, tende a ser, então, um tanto diversa. Na medida em que os diálogos entrelaçam, *ao mesmo tempo*, tanto elementos narrativos, quanto

² A tipologia a que nos referimos é apresentada nos passos 392d e 394b-c da *República*, em que Sócrates classifica a *diégesis* em três tipos: (i) *haplêi diegéseis*, (ii) *dià miméseos gignoménei*, (iii) *di'amphotéron peráinousin*.

³ LABORDERIE, J. *Le dialogue platonicien de la maturité*, p. 387.

dramáticos, uma classificação dos mesmos a partir da oposição entre *diégesis* e *mímesis* seria restritivo, quando não inadequado. Para compreender a estrutura literária da obra platônica, ao invés de partirmos dessa oposição, propomos *articular* as duas noções, mostrando que os diálogos platônicos *são, em seu conjunto e ao mesmo tempo diegéticos e dramáticos*, não se dividindo em grupos literários excludentes.

Em primeiro lugar, é preciso resgatar o sentido amplo do termo *diégesis*, tal como apresentado na *República*.⁴ Segundo o passo 392d, “tudo quanto dizem prosadores e poetas” (*pánta hósá hypò mythológon è poiétôn légetai*) são narrativas (*diégesis*) de acontecimentos passados, presentes ou futuros. De acordo com a fala de Sócrates, prosadores (*mythológon*) e poetas (*poiétôn*), todos eles, produzem *diégesis*⁵, variando de acordo com o *modo* segundo o qual a executam. As formas poéticas, inclusive o drama, seriam, assim, todas elas formas *diegéticas*.⁶

Nesse sentido, no contexto da *República* não haveria propriamente uma oposição entre *diégesis* e *mímesis*: a *diégesis* aparece simplesmente como um termo genérico, que se subdivide em *diégesis* simples e *diégesis diá mímeseos*. Em outras palavras, a *mímesis* aparece como um traço que se pode acrescentar ou não à *diégesis*, constituindo o ponto de partida para se proceder à distinção dos três tipos de *léxis*. Nos termos de Gaudreault, “il est clair, au départ, que le couple notionnel *diègèsis/mimésis* ne saurait être considéré comme dichotomique puisque la *mimésis* est pour Platon une des catégories de la *diègèsis*.”⁷

⁴ “Acaso tudo quanto dizem os prosadores e poetas (*mythológon he poiéton légetai*) não é uma narrativa (*diégesis*) de acontecimentos passados, presentes ou futuros? [...] Porventura eles não a executam por meio de simples narrativa (*haplé diegései*), através da imitação (*diá mímeseos gignoméne*), ou por meio de ambas (*di’ amphotéron perainousin*)?” (*Rep.* III, 392d)

⁵ Assim como o termo *léxis*, o substantivo *diégesis* não se registra antes de Platão, um indício forte de que tenha sido cunhado no contexto cultural do século V a.C. O verbo *diegeisthai*, do qual deriva, significa contar, narrar, descrever, relatar, expor, discorrer. Verbo que aparece nos escritos médicos do *corpus hipocraticum* (com o sentido de descrever a doença com exatidão), bem como na esfera jurídica dos tribunais (com o sentido de relato ordenado a respeito dos fatos julgados).

⁶ Equiparar *diégesis* e *haplé diégesis*, tomando-os como equivalentes, não é coerente com a *República*, que admite uma *diégesis* mimética e entende a poesia como narrativa diegética. Note-se que, a partir da fala de Sócrates no passo 392d, o que define a *diégesis* não é a existência necessária de um narrador ou de discurso indireto em terceira pessoa.

⁷ GAUDREAU, A. “*Mimésis et Diègèsis chez Platon*”, p. 82. Observe-se que na *Poética*, a relação dos termos é inversa: *mímesis* é o termo genérico e *diégesis*, um modo subordinado.

Vale ressaltar, ainda, que embora o verbo *diegeîsthai* seja tradicionalmente entendido como “narrar”, seu significado nas ocorrências até a época de Platão, é mais vasto, admitindo as acepções de “discorrer”, “contar”, “relatar”, “expor”, “descrever”, “dizer com detalhes e precisão”:

[...] se há poesia (*poíesis*) há diegese (também, recorde-se, se há mitologia). Mas esta não se reduz a ‘narrativa’, no sentido restrito como a entendemos, podendo englobar todas as formas de exposição: um poema de Safo (por exemplo, o famoso *pháinetáimoi*) ou uma elegia de Sólon são tão diegéticos quanto os poemas de Homero ou as tragédias de Sófocles, com a diferença de que, neles, não há mimese, enquanto representação do discurso do outro, pois é só o poeta quem fala como si mesmo, sem se ‘fazer semelhante a um outro pela voz ou pelo gesto’ e ‘jamais se ocultando’ (conforme a definição de mimese em *Rep.* 393c).⁸

Do exposto, podemos depreender que *diégesis* não se reduz ao que se entende modernamente por “narrativa”, na medida em que inclui as diferentes modalidades de discurso. Em sentido lato, sob o qual nos interessa ver a composição platônica, a *diegesis* consiste, assim, num “discorrer (*diegeîsthai*) sobre algo fora do campo da experiência imediata”⁹. E, como “literatura é um termo que jamais existiu em grego”¹⁰, poderíamos dizer que *diégesis* recobre, de algum modo, essa vasta acepção.

Assim, enquanto expressão literária (em que se relata algo), os diálogos platônicos são, sem exceção, *narrativas*. Eles se apresentam fundamentalmente como uma experiência da literatura escrita, comportando tanto a *reprodução direta* da fala dos personagens, quanto *representações indiretas* de ações e de acontecimentos. Trata-se, portanto, de uma expressão literária complexa, que pode comportar diferentes níveis e estatutos de *mímesis*. Nesse sentido, estamos diante da composição de uma “diégesis mimética”.

As fronteiras da classificação tradicional dos diálogos se diluem: o que se distinguiu como “dramático”, “narrativo” e “misto” é essencialmente narrativa

⁸ BRANDÃO, J. L. “Diegese em *República* 392d”, p. 364-5, grifos nossos)

⁹ BRANDÃO, J. L. “O narrador-tirano: notas para uma poética da narrativa”, p. 16.

¹⁰ BRANDÃO, J. L. “O narrador-tirano: notas para uma poética da narrativa”, p. 2. Vale ressaltar, ainda, que o exame das ocorrências do verbo *diegeîsthai* e seus derivados até a época de Platão leva-nos ao reconhecimento de um lugar privilegiado em suas obras. Com efeito, atribui-se-lhe a invenção do substantivo *diégesis*.

dramática, não sendo possível excluir nem um aspecto nem outro. A identificação no *corpus platonicum* de obras inteiramente dialógicas (e portanto em estilo direto) não elimina seu caráter diegético, na medida em que, em última instância, não deixam de se apresentar como o “relato” de algo.

Nesse caso, o que é relatado é a própria conversação, representada sem mediações, sem o uso de partículas e sem o papel do narrador. Criando uma ilusão de autonomia dramática, esse tipo de *diégesis* é marcado, não apenas pela ausência de voz narradora, como também pela absoluta elisão do autor. Elisão que aparece como uma característica marcante na composição platônica, pois mesmo quando há narrador, o autor ainda assim se oculta, deixando que a função de narrar esteja a cargo de um de seus personagens.¹¹

Não há em Platão nenhum diálogo que seja “pura” narrativa, do mesmo modo que não há nenhum que se apresente como “pura” *mímesis*. Mesmo nos diálogos que contam com a presença do narrador e de construções em estilo indireto (o que os levou a serem tidos como “narrativos”), não se pode falar de inexistência de *mímesis*. Com efeito, o autor jamais se pronuncia, de modo que sua ausência permite que o caráter mimético da obra assuma um alto grau de potência. Desse modo, toda obra platônica é mimética, porque não é Platão que fala em seu próprio nome, mas está sempre simulando ser outro – e isso de forma tão habilidosa que nos faz esquecer que essa simulação está em jogo. Nesse sentido, o diálogo platônico pode ser definido como aquela experiência literária que representa a ficção filosófica da conversação socrática.

Portanto, da classificação tradicional restam apenas a insuficiência, o simplismo e a imprecisão, de modo que se negligenciam as distintas formas de exercício da *diégesis* por Platão. Sobre esse exercício, afirma Brandão:

“Não se deve menosprezar o fato de que Platão procede a autênticas experimentações diegéticas, produzindo peças cuja *léxis* se classifica tanto como a pura “diegese mimética”, em diálogos sem nenhum enquadramento,

¹¹ Em *Cármides*, *Lísis* e na *República*, por exemplo, o narrador é Sócrates. No *Parmênides*, Céfalos. No *Banquete*, Apolodoro. E, no caso do *Teeteto*, a estrutura literária produz uma simetria narratológica entre Platão e Euclides, também um personagem.

como *Êutifron* e *Críton*, quanto como diegese mista, sobretudo na própria *República*, concebida como um longo relato de Sócrates. O experimentalismo estende-se ainda à técnica de enquadrar diegeses em diegeses, de que o *Banquete* seria um exemplo dos mais refinados. Em especial, esse interesse se comprova sobejamente no *Teeteto*, em que, após a abertura inicial em diegese mimética, envolvendo Euclides e Terpsíon, se passa à leitura do memorial (*hypómnema*) escrito pelo primeiro a partir da diegese mista que lhe fizera certa vez Sócrates de seu diálogo com o jovem que dá título à obra, com a diferença de que, ao escrevê-lo, Euclides o fizera passar dessa categoria à de diegese mimética. Essa exploração da diegese nos diálogos platônicos deve garantir-nos que ele parece compreendê-la como a espécie de discurso mais apropriada, senão a única possível, ao que concebia como *philosophía*.¹²

Na qualidade de “diegeta”, Platão experimenta e constrói diferentes modalidades miméticas de narrativa. Nesse sentido, a compreensão do funcionamento interno da escrita platônica depende do entendimento desse “experimentalismo”. A análise da estrutura literária revela-se, portanto, de fundamental importância.

Um dos aspectos da estrutura dos diálogos é a presença ou não de “molduras literárias”. O uso desses “enquadramentos” significa que possuem uma função na economia geral da narrativa platônica. Com domínio literário, Platão opera esses elementos, fazendo uso deles ou dispensando-os. As molduras demonstram, assim, o experimentalismo platônico que acabamos de mencionar e evidenciam a articulação *diégesis-mímesis*.

Poderíamos assim, pensar a estrutura formal dos diálogos a partir dessa primeira distinção: alguns apresentam moldura literária, enquanto outros não. Com efeito, Platão escreve um conjunto de obras desprovidas de seção introdutória ou seção conclusiva que, enquanto tal, adentram de modo imediato na própria ação dramática. São os diálogos “não-emoldurados”. É interessante notar que, embora iniciem de forma direta, podem abrigar estruturas indiretas em seu interior.

Nesses diálogos, o narrador é inexistente. As falas não são precedidas por sintagmas de elocução. O que orienta o leitor, quanto às mesmas, é o uso frequente do vocativo, além do verbo na segunda pessoa. Em estilo direto, entra-se *ex abrupto*

¹² BRANDÃO, J. L. “O narrador-tirano: notas para uma poética da narrativa”, p. 15.

no próprio diálogo. Assim, tudo se passa como se o texto não fosse um relato, como se o leitor se visse diante dos próprios acontecimentos que se desenrolam (talvez por isso Diógenes tenha usado o termo *tragikos*, para se referir aos diálogos platônicos). Não há a referência e a autoridade de uma fonte testemunhal que relata, sendo suficiente deixar que os fatos falem por eles mesmos.

Os fatos relatados são os próprios discursos (as conversações).¹³ Cria-se, conseqüentemente, a ilusão retórica de inexistência de narrativa, ainda que o próprio “relatar” seja a sua essência. Embora não haja um narrador, há um relator e um interlocutor, sendo que o primeiro está oculto e este é anônimo. O relator é o autor ausente. Seu interlocutor, o leitor-ouvinte, sobre o qual se produzem importantes efeitos persuasivos.¹⁴

Pensemos no *Filebo*, por exemplo. A obra é aberta abruptamente, com a fala de Sócrates: “Então, Protarco, vê qual tese estás prestes a receber agora de Filebo...”¹⁵ A ausência da interjeição do vocativo (*hô*) e o uso de uma partícula continuativa (*dé*) na fala inicial são indicativos de que a ação dramática já estava em andamento. Trata-se, efetivamente, de uma experiência diegética em que o que é relatado é uma conversação representada desde o início como em curso e em movimento. As falas dos personagens são reproduzidas, como se fosse uma “transcrição”, criando-se, para o receptor a sensação de uma presentificação do próprio diálogo.

Encontramo-nos, assim, em face de uma espécie de construção mimética, pertencente, em certo sentido, ao mesmo grupo poético da tragédia e da comédia. E o que está sendo mimetizado, senão o próprio discurso? Evidencia-se, mais uma vez, a inexistência de uma oposição entre *diégesis* e *mímesis*, mas uma articulação entre esses aspectos. Quando lemos o *Filebo*, com efeito, assim como os outros diálogos de estrutura semelhante, estamos diante de uma *narrativa* (uma representação

¹³ Pertencem a este grupo os seguintes diálogos: *As Leis*, *Crátilo*, *Críton*, *Eutífron*, *Filebo*, *Hípias Maior*, *Hípias Menor*, *Íon*, *Mênnon*, *Político*, *Segundo Alcibiades*, *Timeu-Crítiás*.

¹⁴ Portanto, o leitor é um espectador dos próprios fatos, sendo-lhe atribuída uma função dramática.

¹⁵ “*hóra dé, Prótarche, tína lógon mélléis parà Philébou*” (Tradução de Fernando Muniz).

literária) que se apresenta como a *imitação* de um diálogo, traduzindo-se, assim, na construção de uma *diégesis mimética*.

Mas a composição platônica não se limita a diálogos não-emoldurados. Platão brinca com essas estruturas, introduzindo-as de modo diverso. Nas obras com enquadramento literário, o tópico principal é precedido por uma "seção introdutória", que pode ser tanto na forma indireta quanto na forma dramática. Essa seção motiva a narrativa central, apresentando elementos literários fundamentais como a caracterização dos personagens e a descrição da cena dramática.

Cármides, *Lísis*, *República* e *Parmênides* são exemplos que apresentam uma seção introdutória em estilo indireto. Dos quatro, apenas no *Parmênides* Sócrates não desempenha o papel de narrador. Vale notar que a narrativa que abre esses diálogos é dirigida a um interlocutor anônimo e silencioso - figura que precisa ser tratada em outra ocasião.

Como dissemos, no entanto, há também obras cuja moldura é dialógica. Por meio, então, de um "diálogo introdutório", o leitor é conduzido a outro registro de temporalidade, produzindo-se uma "narrativa inserida", em que um dos personagens torna-se narrador secundário. A conversa inicial, apresentada de modo direto, é dirigida para o relato de uma conversa ocorrida no passado, podendo, por sua vez, remeter para outros registros de temporalidade, por meio de trechos narrativos "subterrâneos". São diálogos em que o núcleo central é precedido por uma espécie de "prólogo" que reproduz, em estilo direto, a conversa entre aquele que será o narrador e seu interlocutor. Assim, no *Eutidemo*, Sócrates dirige a narrativa a Críton, no *Protágoras*, Sócrates faz seu relato a um amigo anônimo; já no *Banquete*, Apolodoro fala também para um companheiro anônimo, e assim de modo semelhante no *Fédon*, no *Teeteto* e no *Menexeno*.

Há, ainda, diálogos cuja moldura dialógica introduz, não a exposição de uma conversa no passado, mas a própria conversa principal, como é o caso, por exemplo, do *Laques* e do *Sofista*, o que configura mais uma modalidade do experimentalismo da composição platônica.

É preciso observar que os procedimentos diegéticos que acabamos de expor muito brevemente evidenciam, em primeiro lugar, uma “assimetria”¹⁶ entre a prática literária platônica e a pretensa “teoria” sobre a *léxis* presente na *República*. Além disso, mostram que, ao compor obras literárias, Platão desenvolveu, no âmbito da linguagem escrita, o exercício de articular à prática diegética diferentes níveis de *mímesis*, o que contraria, conseqüentemente, tanto a tipologia tradicional dos diálogos quanto a perspectiva de um posicionamento hostil por parte de Platão no que se refere à arte mimética.

As obras platônicas apresentam uma fusão de *mímesis* e *diégesis*: ao compor de forma dramático-narrativa, Platão nos faz esquecer que há alguém por trás do “palco”.¹⁷ Sua *diégesis* constitui *mímesis*, ainda que apareça segundo a ilusão de uma dicotomia. Por consequência, aquilo que é do âmbito da pura representação, aparece-nos como realidade. Desse modo, Platão evita que sua obra seja lida como um testemunho autoral, inviabilizando que qualquer personagem, inclusive Sócrates, seja seu porta-voz, falando em seu nome.

Segundo Koyré, “os diálogos pertencem a um gênero literário muito especial e desde há muito tempo que já não sabemos nem escrevê-los, nem lê-los”¹⁸. De fato, o experimentalismo diegético platônico nos mostra que essas obras constituem uma expressão distinta, singular e única da literatura grega e filosófica. Sendo herdeiro de toda uma tradição vinculada ao discurso, a espécie de escrita inventada por Platão não se confunde plenamente com nenhum de seus antecedentes, apresentando qualidades distintivas, dentre as quais a hábil articulação de *mímesis* e *diégesis*.

Referências Bibliográficas

¹⁶ Halliwell (“The Theory and Practice of Narrative in Plato”, p. 28) fala de uma “assymmetry between Book 3’s typology and Plato’s own writerly practices”. Holanda (“ ‘Mas, cidadãos de Atenas, Platão, aqui presente...’ Platão tragicômico”, p. 112) faz referência a uma “ambigüidade platônica”, que consistiria numa “forte impressão de contradição performativa nos escritos platônicos”.

¹⁷ Cf. GAGNEBIN, J. M. “Platão, creio, estava doente”, p. 199.

¹⁸ KOYRÉ, A. **Introdução à leitura de Platão**, p. 12.

BRANDÃO, J. L. "Diegese em *República* 392d." **Kriterion**. Belo Horizonte, n. 116, dez/2007, p. 351-366.

_____. "O narrador-tirano: notas para uma poética da narrativa." **Gragoatá** (UFF), v. 28, p. 11-26, 2010.

DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. 2ª ed. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 2008.

GAGNEBIN, J. M. "Platão, creio, estava doente" In **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAUDREULT, A. "*Mimésis* et *Diègèsis* chez Platon". **Revue de Métaphysique et de Morale**, 94e Année, No. 1, La Traduction Philosophique (Janvier-Mars 1989), pp. 79-92.

HALLIWELL, S. "The Theory and Practice of Narrative in Plato". In: GRETHLEIN, J. & RENGAKOS, A. (ed.) **Narratology and Interpretation**. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

HOLANDA, Luisa Severo Buarque de. " 'Mas, cidadãos de Atenas, Platão, aqui presente...' Platão tragicômico". **O que nos faz pensar**, 34, março (2014), p. 109-124.

KOYRÉ, A. **Introdução à leitura de Platão**. 3ª ed. Trad. de Helder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

LABORDERIE, J. **Le dialogue platonicien de la maturité**. Paris : Les Belles Lettres, 1978.

PLATÃO. **A República**. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

_____. **Filebo**. Tradução de Fernando Muniz. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.